

“Estágio Supervisionado 6: Espaço Escolar”: impressões e sensações pelo olhar do estagiário

Comunicação

*Rafael Roncato de Abreu
Emac - UFG
rroncato@gmail.com*

*Thaís Lobosque Aquino
Emac - UFG
tlobosque@hotmail.com*

Resumo: Este texto apresenta e discute a experiência pedagógico-musical em campo de estágio no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás (Cepae/UFG) nas aulas do 5º ano do Ensino Fundamental, turno matutino, durante o segundo semestre de 2018. Trata-se de um relato de experiência requerido pela disciplina “Estágio Supervisionado 6: Espaço Escolar” do curso de Música-Licenciatura: Educação Musical da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás (Emac/UFG). Podemos destacar como os principais pilares do estágio a observação, a intervenção docente e a pesquisa-ação. Aqui, serão relatadas as impressões e sensações do ponto de vista do estagiário, ou seja, as experiências vivenciadas nas aulas de música da escola, em especial a relação didática com os saberes musicais e com as crianças. Através de embasamento teórico e reflexões críticas chega-se à conclusão de que o estágio é uma importante ferramenta para a formação profissional do graduando em música.

Palavras-chave: estágio supervisionado, formação docente, educação musical, educação básica.

Introdução

O trabalho em questão é um Relato de Experiência desenvolvido na disciplina de “Estágio Supervisionado 6: Espaço Escolar”, do curso de Música-Licenciatura com habilitação em Educação Musical da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de (Emac/UFG). Com base nas experiências vividas enquanto estagiário, serão levantadas as impressões e sensações que tive ao observar as aulas de música de uma turma do 5º ano do

Ensino Fundamental do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (Cepae), também da UFG, que ocorreram às quartas-feiras pela manhã durante o segundo semestre de 2018.

A disciplina “Estágio Supervisionado 6: Espaço Escolar” se vale das técnicas da observação participante e da ação docente em dupla. Esta última, em um momento específico do semestre. As observações participantes e a ação docente são embasadas teoricamente pela análise: i) do “Projeto Político-Pedagógico” (PPP) do Cepae (Cepae/UFG, 2018); ii) da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em especial do componente curricular “Arte” do Ensino Fundamental (BRASIL, 2017); iii) e de textos sobre os temas: estágio como pesquisa, estágio e docência, professor pesquisador, etnografia, pesquisa-ação, observação participante, planejamento docente, saberes musicais escolares e estágio como pesquisa (AQUINO, 2016; GHEDIN e FRANCO, 2011, PIMENTA e LIMA, 2011 entre outros).

Há que se acrescentar que, naquele semestre, foi abordado um capítulo de uma dissertação de mestrado que versava sobre coro terapêutico para crianças com síndrome de down (CSD) (BELLOTI, 2014). Tal estudo ocorreu, sobretudo, pela necessidade de se conhecer melhor a deficiência e poder intervir positivamente na vida de um dos alunos da turma do 5º ano que apresenta a síndrome. Com isso, pudemos desenvolver uma escala para que cada estagiário pudesse acompanhar de perto a CSD, verificando suas necessidades para com a aprendizagem da música e, de modo amplo, suas potencialidades de integração com a cultura escolar. Com tal estudo, levantaram-se discussões acerca da inclusão, direito garantido pela Lei nº 13.146 de 6 de julho de 2015, mais conhecida como Lei Brasileira de Inclusão (LBI), que garante o acesso e a permanência de crianças com deficiência na Educação Básica.

Cumpra acrescentar que os estagiários confeccionaram quatro diários de campo cada um durante o semestre. Tais diários relatam as ações da professora supervisora, da professora orientadora, dos colegas estagiários e das crianças; todos percebidos como agentes ativos na construção dos saberes musicais. Também houve planejamento das ações docentes, através de discussões coletivas que culminaram na elaboração de planos de aula. Por fim, destaque-se a produção de relatos de experiência individuais, que trazem à tona a produção intelectual do estagiário, materializando, assim, a concepção de formação de professores pesquisadores. (PIMENTA e LIMA, 2011).

A fim de tratar das impressões e sensação vivenciadas durante o estágio, esse relato se divide nas seguintes partes: “Preparação para o Campo”, em que se realiza um pequeno panorama de como foi a disciplina “Estágio Supervisionado 6: Espaço Escolar”; “As aulas de música do Cepae/UFG” que versa sobre a escola campo; “Discussões coletivas”, que trata da roda de conversa formada ao final das aulas do Cepae com as professoras (orientadora e supervisora) e estagiários; “Uma ação docente”, que aborda a preparação e a realização de minha intervenção como professor de música. Por fim, as “Considerações Finais” contemplam pontos positivos e negativos no decorrer do semestre, partindo do princípio do estágio como momento primordial na formação profissional dos licenciandos em música.

Preparação para o campo

O estágio é um momento de construção de saberes, formação de identidade e profissionalização do educador musical. O “Estágio Supervisionado 6: Espaço Escolar” iniciou-se no segundo semestre de 2018 com o objetivo de possibilitar o contato direto do estagiário com a escola campo. Desse modo, configurou-se como momento de experimentar na prática os conhecimentos internalizados ao longo do curso de Música-Licenciatura, visando a realização de ações pedagógico-musicais reflexivas com as crianças em sala de aula. Além da atuação em campo, houve aulas de estágio nas dependências da Emac/UFG, onde professora orientadora e estagiários buscaram uma abordagem crítica sobre as atividades musicais realizadas junto à turma do 5º ano do Ensino Fundamental do Cepae.

Houve, também, a oportunidade de participação no XV Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão (Conpeex), que aconteceu entre os dias 15 a 17 de outubro de 2018 nas dependências da UFG. Na ocasião, assistimos a apresentação musical de crianças do Cepae, em que se incluiu o aluno downiano. Após, seguimos para uma mesa redonda, em que foram problematizadas questões legais da inclusão de deficientes físicos, de cotas e de políticas afirmativas em defesa das minorias na sociedade.

Os textos trabalhados na disciplina “Estágio Supervisionado 6: Espaço Escolar” discutiram o estágio em forma de projetos (PIMENTA e LIMA, 2011) e a pedagogia da pesquisa-ação (GHEDIN e FRANCO, 2011). Ambos reiteram a concepção do estágio como

momento de pesquisa e de produção de conhecimentos, capaz de ressignificar as práticas na universidade e na escola campo.

Os autores citam a importância do diagnóstico no projeto de estágio: “O diagnóstico não se limita a uma visão inicial, mas se realiza como processo permanente de identificação das necessidades e possibilidades que permitam rever ou reafirmar as opções, uma vez que a realidade é dinâmica, viva, mutável.” (GHEDIN e FRANCO, 2011, p. 223). Assim, o diagnóstico representa uma avaliação contínua e busca analisar o contexto da escola, bem como a influência de políticas educacionais e da realidade social, fornecendo pistas para conhecer as necessidades e possibilidades da Educação Básica de modo amplo. Para isso, estudamos a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, BRASIL, 2017), que auxiliou na compreensão das competências e habilidades requeridas para o ensino da Música no Ensino Fundamental.

Ao fim do semestre, foi possível perceber o desenvolvimento das seguintes habilidades previstas no documento nas crianças da escola campo: i) apreciação e identificação dos diversos gêneros e expressões musicais e ii) exploração e percepção dos elementos constitutivos da música. Isso porque a professora supervisora se deteve nos elementos tradicionais de registro da música (o que a mesma chamou de “letramento”) e em vivências musicais realizadas com canto coral e instrumental Orff. Habilidades como criação, composição, exploração do ambiente sonoro do corpo, uso de materiais alternativos e produção de arranjos e registros autorais foram pouco enfocadas.

As aulas de música do Cepae/UFG

O Cepae é uma unidade participante na formação de novos educadores, figurando-se como importante campo de estágio dos cursos de licenciatura da UFG.

No que se refere às aulas de música, percebe-se a existência de objetivos claros voltados para o desenvolvimento da sensibilidade e, mais especificamente, da construção dos saberes musicais. Na escola, a disciplina música é entendida como campo do saber dotado de conceitos e modos de operar próprios (AQUINO, 2016).

A instituição conta com uma estrutura física ampla, em que se inclui uma sala de música com diferentes recursos de ensino (instrumentos musicais diversos, instrumental Orff,

praticáveis, poltronas apropriadas) e espaço adequado para atividades e jogos dinâmicos voltados ao aprendizado da música com o uso do corpo.

No decorrer do semestre, a professora supervisora estruturou o ensino de música sob dois pilares principais: a prática musical coletiva através do instrumental Orff e do canto coral; e o letramento musical com o objetivo de as crianças conhecerem os elementos gráficos da música e, com isso, poderem ler partituras para tocarem em conjunto.

Acredito que a forma pela qual a música foi trabalhada junto à turma do 5º ano do Cepae extrapola em muito as habilidades e conhecimentos mínimos requeridos na BNCC. Foram valorizadas a formação de conceitos musicais, a contextualização da vida e da obra dos compositores e a performance vocal e instrumental. A professora supervisora, orientadora e os estagiários buscaram trabalhar e valorizar a música e a cultura popular brasileira, bem como a atuação de compositoras femininas como a Lia de Itamaracá¹. As canções, adequadas ao público infantil, com letras e melodias bem construídas, permitiram um aprofundamento das especificidades do campo de saber musical.

Canções e Elementos

Para as aulas de música no segundo semestre de 2018, a professora supervisora resolveu focar no estudo e na prática de um pot-pourri de canções folclóricas para possibilitar o processo de letramento musical, ou seja, de construção de conceitos relacionados à notação tradicional da música.

Conceitos como pauta, clave, notas, melodia, figuras de tempo e pausa foram exaustivamente trabalhados no decorrer das aulas de música no Cepae/UFG, através de atividades lúdicas, aulas expositivas, dinâmicas corporais e textos de teoria musical.

Compunham o pot-pourri as canções: i) “Menina toma essa uva”, do folclore goiano; ii) “Ciranda”, coletâneas de músicas do folclore do Recife, da qual se partiu para falar da cirandeira e compositora Lia de Itamaracá; iii) “Cavalo Marinho” e iv) “Marinheiro só”, as duas

¹ Maria Madalena Correia do Nascimento, conhecida como Lia de Itamaracá, nasceu na Ilha de Itamaracá, município de Pernambuco em 12 de janeiro de 1944. É uma dançarina, compositora e cantora de ciranda brasileira.

últimas retiradas da Coleção TABA de histórias e músicas infantis que fora lançada no Brasil na década de 1970.

As canções contribuíram para se trabalhar os elementos constitutivos da música e para a leitura de partituras musicais. Isso através dos conceitos de figuras de tempo, pulsação, notas musicais, clave de sol, leitura em grade e da prática de tocar em conjunto à semelhança de uma “orquestra”. Ao final do semestre, as crianças estudaram e tocaram a canção “Uirapuru” de Waldemar Henrique.

A criança com Síndrome de Down (CSD)

Conforme mencionado anteriormente, durante o segundo semestre de 2018 nos debruçamos sobre um texto específico que analisa o desenvolvimento da CSD com base nas atividades impulsionadas pelo coro terapêutico (BELOTTI, 2014). O uso deste texto se deu pelo fato de que ao fim do semestre anterior, nas reflexões finais da disciplina “Estágio Supervisionado 5: Espaço Escolar”, uma colega estagiária explicitou seu descontentamento com nossa ação junto a CSD. A criança estava constantemente acompanhada por uma monitora que a auxiliava de maneira geral nas aulas. Contudo, pelo fato de a profissional desconhecer os conteúdos musicais tematizados, sentia-se acuada e sem saber como ajudar.

Ressalte-se que a professora supervisora buscava incluir o aluno downiano nas atividades, dentro de suas limitações. Fato é que ele estava bem integrado aos outros colegas, que o apoiavam e incentivavam sua participação.

Diante da questão colocada pela colega estagiária, a professora orientadora reorganizou o planejamento da disciplina “Estágio Supervisionado 6: Espaço Escolar” de modo a contemplar dois eixos: primeiro, estudar teoricamente a temática da Síndrome de Down; segundo, elaborar uma escala para que em cada semana um estagiário acompanhasse de perto a CSD, atentando-se para suas características pessoais e sua relação didática com os saberes musicais.

Com a escala, emergiram situações ora divertidas, ora frustrantes, ora constrangedoras, mas, acima de tudo, enriquecedoras. Foi possível perceber algumas limitações com relação à abstração de conceitos específicos do campo musical, à coordenação

motora, à fala e à memória. Ao mesmo tempo, vimos que muitas habilidades foram desenvolvidas: a interação com os colegas, a autonomia e a vivência musical.

Por meio de minha experiência pessoal com a CSD, percebi uma criança dócil, tranquila, interessada, divertida, que gostava de seus colegas e de participar das aulas de música. Uma criança que, como qualquer outra, sonha e tem o direito de brincar, se apaixonar, fazer amizades e participar das atividades e dinâmicas da cultura escolar e, especificamente, das aulas de música.

Nessas aulas, percebeu-se que o aluno tem facilidade com ritmos, gosta de funk e interage bem com os colegas. Há problemas em relação a fala, o que limita a execução melódica e o canto o que, todavia, não o impede de vivenciar as canções trabalhadas. Quanto a ler e reproduzir a notação musical tradicional, as dificuldades foram visíveis. Porém, o aluno conseguiu fazer por imitação muito do que foi proposto e sua participação impactou positivamente todos que estavam ao seu redor.

Discussões coletivas

Ao final de cada aula de música do Cepae, havia um momento para discussão coletiva entre os estagiários, as professoras (supervisora e orientadora) e uma bolsista de Iniciação Científica, aluna do curso de Música-Licenciatura da Emac/UFG, responsável por relatar as questões levantadas. Neste momento, a professora orientadora estimulava que todos expusessem suas dúvidas e seus comentários.

As ações da professora supervisora, os conteúdos ministrados, as habilidades e competências apontadas na BNCC, o PPP do Cepae, a cultura escolar e universitária, as ações docentes dos colegas, a aprendizagem dos alunos (incluindo a CSD), a pesquisa no estágio são exemplos da diversidade de temas levantados nessas reuniões.

Algumas situações embaraçosas emergiram, principalmente com relação a atitudes pouco profissionais dos estagiários que, por vezes, prejudicavam as aulas com brincadeiras, e em outras, se omitiam em participar e em contribuir com as atividades propostas. Foram evidenciados vários pontos positivos e negativos, bem como estimulado o exercício da

autorreflexão a fim de aprimorar suas atuações. De todo modo, alguns estagiários insistiam em fazer críticas sem sugestões de melhorias, gerando situações hostis e pouco colaborativas.

A fim de ressignificar tais condutas, foram utilizados o arcabouço teórico e a vivência prática da pesquisa-ação, uma abordagem teórico-metodológica voltada para a transformação da realidade social. Nesse sentido, houve momentos de: i) pesquisa-ação colaborativa, em que toda a equipe de professores-pesquisadores intervieram para um processo de mudanças nos sujeitos do grupo; ii) pesquisa-ação-estratégica com ações previamente planejadas para intervenções sobre pontos específicos da prática pedagógico-musical com crianças, estagiários e professoras (supervisora e orientadora); e iii) pesquisa-ação-crítica, através do diálogo entre os sujeitos envolvidos que fizeram diagnósticos de problemas e propuseram mudanças (GHEDIN e FRANCO, 2011, p. 212).

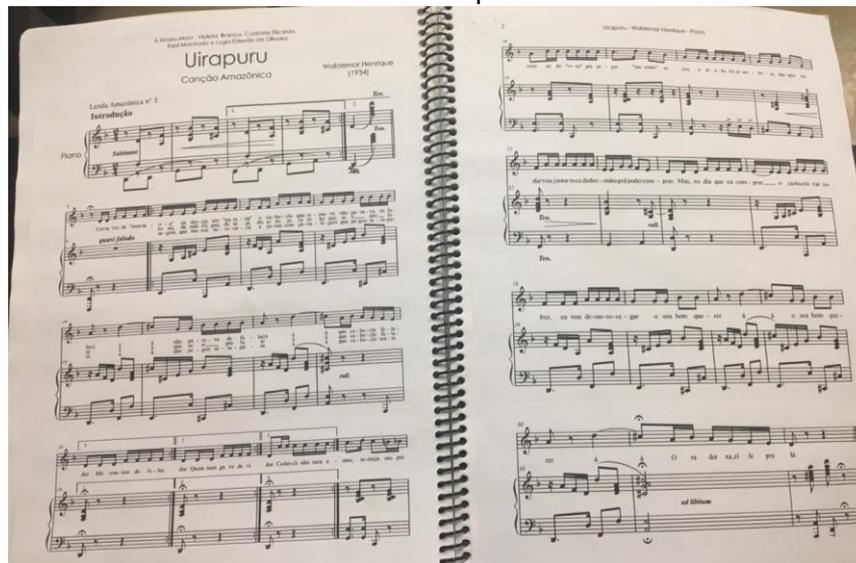
Uma ação docente

Minha ação docente ocorreu na última semana em que os estagiários estiveram em campo. Isso se deu pela necessidade de conciliar a agenda do outro professor em formação que dividiu a aula comigo e que precisou postergar a data prevista por motivos profissionais.

Para a nossa aula, a professora supervisora solicitou que trabalhássemos a canção “Uirapuru” de Waldemar Henrique², dividindo-a em estrofes que se repetem, previamente ensinadas para as crianças, e uma estrofe com melodia diferente, a qual deveria ser enfatizada na aula. Esperava-se que as crianças aprendessem este último trecho, cantando-o e executando-o no Instrumental Orff, tendo em vista seu desenho melódico e elementos da grafia musical. Também havia o objetivo de trabalhar um texto sobre a vida e a obra do compositor da canção.

² Waldemar Henrique da Costa Pereira nasceu em 15 de fevereiro de 1905 em Belém, Pará e faleceu no dia 29 de março de 1995 também em Belém, Pará. Foi compositor, pianista, escritor e maestro brasileiro.

FIGURA 1 – Partitura da Música Uirapuru



Fonte: Uirapuru: Waldemar Henrique

FIGURA 2 – Texto com a biografia de Waldemar Henrique

Waldemar Henrique

(Belém do Pará, 15 de fevereiro de 1905 — Belém, 29 de março de 1995)



Waldemar Henrique da Costa Pereira foi um maestro, compositor e pianista paraense. O pai era de origem portuguesa, e a mãe, descendente de índios, que morre quando ele era ainda criança. Nasceu no dia 15 de fevereiro em Belém - Pará, no mesmo dia de aniversário do Teatro da Paz.

Passou a infância na cidade de Porto – Portugal. Estuda Música quando retorna ao Brasil em 1917, passando a ter aulas de piano e solfejo com sua vizinha, Dona Nicota, mesmo contra a vontade do pai. Mais tarde aprende a tocar violino e violão.

Sua primeira composição de sucesso foi "Minha Terra" em 1923. Entrou no Conservatório Carlos Gomes em 1929. Ainda nesta época, seu pai insiste em o desviar da sua vocação, empregando-o em um banco.

Em 1933 muda-se para o Rio de Janeiro com objetivo de ser pianista. Compõe músicas com o tema dos folclores amazônicos e começa a chamar a atenção de vários artistas. Passa a tocar nos maiores cassinos, rádios e teatros do Brasil e no exterior. Sua maior companheira de palco e intérprete nesta época foi Mara Henrique Ferraz, sua irmã.

Em 1960 retorna à Belém como um verdadeiro embaixador da cultura amazônica, incentivou e inspirando muitos artistas regionais. Waldemar dirigiu o Teatro da Paz por mais de 10 anos e compôs mais de 120 canções, sua marca registrada era a simplicidade e sutileza.

- **Uirapuru: expressões regionais**
 - "Montaria": canoa ligeira feita de um só bloco de madeira.
 - "Paraná": braço de rio.
 - "Lobisomi": lobisomem.
 - Mãe-d'água: figura lendária de bela mulher que mora no fundo do rio e encanta aqueles que a vêem ou ouvem sua voz, levando-os para as águas profundas de onde não retomam nunca mais.
 - Tajá: planta de grandes folhas verdes, sem flor, de muita variedade F na Amazônia e à qual se atribuem poderes mágicos.
 - Jurutahy: pássaro que possui um canto triste.
 - Visagem: fantasma, aparição.
 - Surucucu: cobra de grandes proporções e das mais venenosas da Amazônia.
 - Pavulagem: gabolice, fanfarronada.
 - Uirapuru: passarinho de canto especial, o artista da floresta.
 - "Rôxa": roxa de vontade, com muita vontade.
 - "Um zinho": só um, apenas um.

Fonte: Arquivo Pessoal

A professora supervisora havia recomendado, ainda, que as crianças deveriam: i) saber diferenciar ritmo, melodia, altura (partes mais agudas e mais graves da estrofe diferente), ii) cantar de maneira consciente os intervalos e iii) visualizar o rosto do compositor. Isso por ele ser pouco conhecido, mesmo pelo público em geral.

Sugeri levar um colega cantor lírico que possui grande intimidade com a obra de Waldemar Henrique, o que foi prontamente aprovado pelas professoras (orientadora e supervisora). O objetivo se voltava para que as crianças pudessem conhecer outro estilo e técnica de canto, bem como um pouco da história do compositor e das letras de algumas de suas canções.

Para a minha aula foram projetados slides com o uso de datashow contando um pouco da biografia do compositor através de fotografias, vídeos e áudios de suas músicas. Foram contextualizadas as fases de sua vida: a infância entre o Pará e Portugal; a falta de incentivo por parte da família para seguir a carreira musical já na fase adulta; a parceria com a irmã Mara Henrique; o sucesso profissional como pianista reconhecido, apresentando-se em todo o Brasil e no exterior; o trabalho na Rádio Tupi, onde se relacionou com diversos artistas famosos da época; a aproximação com o Movimento Modernista Brasileiro e com figuras como Villa Lobos e Mário de Andrade, o que o incentivou a continuar a compor e a falar sobre as coisas de sua terra, o folclore, a fauna, a flora e o povo paraense. Esse último fato foi determinante na definição de sua estética musical.

Portanto, foram apresentadas as três fases da obra de Waldemar Henrique ilustrando diferentes canções que fizeram parte de cada uma delas. A primeira, a música branca, em que o compositor se aproxima da estética da música erudita europeia, criando marchas e valsas. A segunda, a indianista, tematizando as lendas e mitos amazônicos. E, por último, a música negra, em que o compositor faz um resgate da cultura africana. Fiz um recorte de “lendas amazônicas” para situar a canção “O Uirapuru” e também discorri um pouco sobre as lendas do Tamba-Tajá, do Curupira e, claro, do Uirapuru.

Após esta contextualização, apresentei meu colega cantor lírico que falou um pouco sobre a sua carreira de músico e o estilo de música que realiza. Ele retomou um pouco do ciclo de canções de Waldemar Henrique e apresentou verbal e musicalmente uma canção da fase

branca, “Fiz da vida uma canção”, uma da fase negra, “Essa Negra Fulô”, e, por fim, duas da fase indianista, “Tamba-Tajá” e o “Uirapuru”.

Foi possível perceber que pelo estilo do canto lírico empostado não ser muito familiar para muitas crianças, algumas começaram a rir, outras a se emocionar. Nas músicas do ciclo indianista, pude acompanhar o cantor no acordeom e um colega no violão. As crianças puderam não só apreciar como também acompanhar vocalmente quando da execução de “Uirapuru”.

Terminamos a aula com uma grande roda, momento em que o convidado realizou aquecimento vocal com as crianças. Foram trabalhados exercícios de respiração, afinação, dinâmica em grupo, intensidade, escalas, arpejos e glissandos. Finalmente, o outro estagiário assumiu a turma, dando continuidade à aula e realizando atividades voltadas ao estudo dos trechos melódicos e rítmicos da canção “Uirapuru” e às práticas vocais e instrumentais.

Considerações Finais

Analisando as experiências vivenciadas neste semestre com relação ao estágio, destaco como primeiro ponto positivo a oportunidade em poder estagiar em uma escola pública que contempla o tripé ensino, pesquisa e extensão e que conta com uma estrutura singular para o ensino de música com uma sala ampla, piano para acompanhamento das atividades, praticáveis, instrumental Orff, aparato audiovisual, entre outros materiais didáticos para atividades que envolvem metodologias ativas.

Outro ponto positivo e fundamental foi o apoio das professoras (supervisora e orientadora) que conduziram todas as atividades de maneira colaborativa: sejam aquelas relacionadas à ação docente, sejam as ligadas à coleta de informações e busca de diagnóstico durante as observações participantes. Destaque-se, também, o imprescindível embasamento teórico contemplando textos do campo da educação, da educação musical e documentos do Cepae (como o PPP, por exemplo).

Como ponto negativo, evidencio o raro incentivo para que as crianças pudessem criar e se utilizar de aparatos da cultura digital.

Com relação à disciplina “Estágio Supervisionado 6: Espaço Escolar”, acredito ter sido positiva a continuidade com o que fora desenvolvido em “Estágio Supervisionado 5: Espaço Escolar”. Ter ficado todo o ano de 2018 no Cepae foi bom para poder perceber a cultura escolar ao longo de um ano letivo. Todavia, senti falta de estar com um grupo menor de estagiários (éramos oito) em outras instituições como: escolas particulares, CEMEI, escolas específicas, escolas militares, ou escolas da rede municipal e estadual no centro, em bairros nobres ou na periferia. Também reitero a necessidade de haver mais ações docentes durante cada um dos semestres.

A oportunidade de conviver e poder aprofundar sobre questões como a inclusão foi significativa, ainda mais pelo atual momento político, em que há um grande retrocesso no que se diz respeito às políticas afirmativas, como cotas raciais, por exemplo. A relação didática com as crianças aconteceu em todos os momentos. Quando nos era auxiliado para ajudar a executar algum trecho musical até na nossa regência em si. Em todo o momento houve uma valorização do papel dos estagiários por parte das professoras. Que estaríamos ali em uma relação pedagógica, ou seja, de ensino e aprendizagem também.

De todo modo, acredito que aprendi bastante sobre a cultura escolar, sobre a profissão e a identidade do educador musical, sobre os saberes musicais escolares, sobre diferentes possibilidades para o ensino de música na Educação Básica. Vivenciei momentos frutíferos que me deram algumas pistas com relação ao caminho que pretendo trilhar.

Referências

AQUINO, Thaís Lobosque. *Epistemologia da educação musical escolar: um estudo sobre os saberes musicais nas escolas de educação básica brasileiras*. 227 p. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro/RJ, 2016.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). *Diário Oficial [da] União*, Poder Executivo, Brasília, DF, 07 jul. 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm>. Acesso em: 06 abr. 2019.

BRASIL. A etapa do ensino fundamental. In: *BNCC: Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF, MEC: 2017. Disponível em: <<http://www.basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>> Acesso em: 14 nov. 2018.

BELOTTI, Tônia Gonzaga. *Coro terapêutico: uma ação do musicoterapeuta visando ao desenvolvimento da criança com síndrome de down*. 174 p. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal de Goiás. Goiânia/GO, 2014.

GHEDIN, Evandro, FRANCO; Maria Amélia Santoro. *Questões de método na construção da pesquisa em educação*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. *Estágio e Docência*. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SANTOS, Joel Rufino dos. Marinho et al. *O Marinheiro e Outras Histórias*. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1982. (Coleção TABA).

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. *Projeto Pedagógico do Curso do Cepae/UFG*. Goiânia: UFG/Cepae, 2018.